



REVISTA INTERDISCIPLINAR ENCONTRO DAS CIÊNCIAS  
V.3, N.1. 2020

## **POR UMA PEDAGOGIA DA INTERCULTURALIDADE COMO ALTERNATIVA À VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE-CE**

FOR A PEDAGOGY OF INTERCULTURALITY AS AN ALTERNATIVE TO SCHOOL VIOLENCE: A CASE STUDY IN JUAZEIRO NORTH CITY

Miguel Melo Ifadireó<sup>1</sup> | José Ricardo Ferreira da Costa<sup>2</sup> | Vanessa de Carvalho Nilo Bitu<sup>3</sup> | Yohana Maria Monteiro Augusto de Alencar<sup>4</sup> | Francisco Renato Silva Ferreira<sup>5</sup>

### **RESUMO**

O confronto com o Outro, a proliferação e o enfrentamento da violência em sentido abstrato, quanto específico são partes indiscutíveis das interações sociais que ocorrem no cotidiano sociopolítico das sociedades contemporâneas. Estudos empíricos de investigação científica – Miguel Melo et. al (2018), Judy Korn e Thomas Mücke (2013), Gabriel Chalita (2008), Cléo Fante (2005), Thomas Beatriz Pereira e Adelina Pinto (2002) entre outros - sobre violência na escola têm semelhante dificuldade de conceituar o termo; tanto a nível objetivo como a nível subjetivo percebemos diferenças fundamentais e estruturais, já a partir de suas teorias. A metodologia quantitativa foi utilizada como mecanismo capaz de fomentar as distintas possibilidades e competências para se traçar associações entre variáveis – técnicas estatísticas de correlação – e de causalidade entre os distintos fenômenos e nuances da violência no contexto escolar em interação com a perspectiva da interculturalidade. Para tanto, se foram elaboradas perguntas abertas e, sobretudo, perguntas fechadas – sim e não –, além de medições de estados individuais em relação à satisfação na escola, estas utilizando o tipo Escala de Likert, com cada item Likert contendo cinco possibilidades de resposta. Os achados nos permitem resumir que ofensas pessoais de violência são cometidas principalmente por adolescentes do sexo masculino. Outros fundos motivacionais ensejam nas mais variadas práticas de violência que vão do constrangimento ilegal sob ameaça de força ou violência, preconceitos e ressentimentos (étnica, religiosa, moral ou difuso), prazer, poder e busca pela violência.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Diversidade Cultural. Educação Intercultural. Pedagogia Intercultural. Xenofobia. Alteridade.

### **ABSTRACT**

The confrontation with the Other, the proliferation and confrontation of violence in the abstract sense, as specific, are undisputed parts of the social interactions that occur in the sociopolitical daily life of contemporary societies. Empirical research studies - Miguel Melo et. al (2018), Judy Korn and Thomas Mücke (2013), Gabriel Chalita (2008), Cléo Fante (2005), Thomas Beatriz Pereira and Adelina Pinto (2002) among others - school violence have similar difficulty in conceptualizing the term. At both the objective and subjective levels, we perceive fundamental and structural differences from their theories. The quantitative methodology was used as a mechanism capable of fostering the different possibilities and competences to draw associations between variables - statistical correlation techniques - and causality between the different phenomena and nuances of violence in the school context in interaction with the perspective of interculturality. Therefore, if open-ended questions and, above all, closed-ended questions - yes and no - were elaborated, as well as individual state measurements in relation to school satisfaction, using the Likert Scale type, with each Likert item containing five answer possibilities. The findings allow us to summarize that personal offenses of violence are committed mainly by male adolescents. Other motivational backgrounds give rise to the most varied practices of violence ranging from illegal embarrassment under threat of force or violence, prejudice and resentment (ethnic, religious, moral or diffuse), pleasure, power and the pursuit of violence.

### **KEYWORDS**

## INTRODUÇÃO

O confronto com o Outro, a proliferação e o enfrentamento da violência em sentido abstrato, quanto específico são partes indiscutíveis das interações sociais que ocorrem no cotidiano sociopolítico das sociedades contemporâneas, sejam elas internacionais, sejam regionais e/ ou locais. Assim, ao se iniciar o estudo sobre o gênero violência, deparamo-nos com a dificuldade de aproximação para com o termo, pois é cabível várias interpretações e formas de manifestações. Por conseguinte, o termo violência gera diferentes perspectivas e argumentações, tanto por parte do autor, como por parte da vítima. Estudos empíricos (MIGUEL MELO et al. 2018; JUDY KORN; THOMAS MÜCKE, 2013; GABRIEL CHALITA, 2008; CLÉO FANTE, 2005; THOMAS BEATRIZ PEREIRA; ADELINA PINTO, 2002) de investigação sobre violência na escola têm semelhante dificuldade de conceituar o termo; tanto a nível objetivo, como a nível subjetivo percebemos diferenças fundamentais e estruturais, já a partir de suas teorias. Acreditamos ser praticamente impossível chegar a uma verdade única ou universal que nos dê uma sensação de precisão, sobretudo pelas diferentes nuances que o termo traz consigo. O debate nacional em torno do gênero “violência” seja através do senso comum, seja pela investigação empírica, vem ganhando notoriedade somente a partir de meados do século XX mais precisamente (ZALUAR, 2001).

Em Miguel Melo (2001) vamos encontrar vários achados sobre como a Sociologia da Violência, a Criminologia das Instituições de Controle Social e a Pedagogia da Interculturalidade vêm lidando com o fenômeno da violência na Escola. Neste sentido, o autor ressalta que a violência se apresenta de forma diferenciada e dinâmica para cada situação ou momento específico, o que dificulta a sua percepção, podendo ser entendida a partir da seguinte concepção genérica: 1) violência pessoal, que se subdivide em a) violência física, esta forma de violência é dividida ainda em violência contra a pessoa (homicídios ou tentativas, estupro, roubo/furto, lesões, sequestro, terrorismo) e violência contra as coisas (vandalismo, destruição ou tentativa de destruição de pertences/ bens/ propriedades, incêndio ou tentativa de incêndio provocado e danos materiais) e b) violência psíquica quando se apresenta por ameaças, intimidações, danos morais, insultos ofensivos, discriminação, *mobbing*, *bullying* e assédio moral; e 2) violência estrutural que é fundamentalmente uma violência institucional (podendo se apresentar na forma de subordinação hierárquica, impostos obrigatórios, desigualdades de chances e exclusão social). Assim, tomando a violência como gênero de várias espécies de ações contra o Outro motivado pela estranheza e diferença em relação a este Outro, partiremos da pressuposição teórica que este sempre existiu, ou seja, não é uma novidade da sociedade hodierna, a partir do momento que este fenômeno instrumentaliza condutas, atitudes e comportamentos, tanto por parte do agente agressor, como por parte da vítima, e suas famílias.

(ADICHIE, 2015).

Ao interpretarmos estas perspectivas, relacionando-as com a evolução social e política brasileira, percebemos que há fatores predisponentes da violência, cambiantes conforme as circunstâncias políticas e jurídicas, que precisam ser conhecidas, para posteriormente, serem combatidas, tornando possível, assim, que se reduza a sua intensidade e, conseqüentemente, se diminua as dimensões do fenômeno em questão (MASCARO, 2010). Por conseguinte, o presente artigo busca analisar a Violência na Escola sob o foco crítico da abordagem teórica intitulada Educação para a Interculturalidade que se esprou, principalmente, nos cursos de ciências sociais, humanas e licenciaturas da Alemanha (PÖGGELER, 2004). O fato é que as novas teorias advindas da Educação Intercultural (Pedagogia Intercultural) vêm tanto no velho continente europeu (Alemanha, Reino Unido, França, Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega, Bélgica, Itália, Espanha e Portugal) quanto nos países do “novo mundo” ex-colônias europeias (EUA, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Brasil, entre outros países) promovendo e recarregando acirrados debates (políticos e emocionais) sobre como lidar com o Outro na contemporaneidade, bem como minimizar, enfrentar e prevenir a violência direcionada ao Outro, em virtude de sua diferença (MELO, 2005).

Esta reflexão reflete a essência do presente ensaio, a partir do momento que recupera os achados de um estudo prévio realizado entre 2013-2014 e que será retomado em novo estudo, buscando assim, ressignificar o debate político e emocional dentro da pedagogia e da ciência da educação (processo de ensino e de aprendizagem) de enfrentamento à violência escolar sob a perspectiva da interculturalidade. Verifica-se que os questionamentos que aqui serão apresentados se movem entre dois pontos de vista antagônicos permeados por distintos campos de tensão: de um lado, espera-se a sociedade e o Estado encoraje e reconheça a diversidade intercultural; e de outro lado, percebe-se a necessidade de se promover uma “outra visão” sobre a emergência de se pensar uma estratégia de se educar com respeito às “diferenças” e às “diversidades” presentes no cotidiano seja escolar (ensino fundamental e médio) como mecanismo de enfrentamento e de prevenção à violência (ABRAMOVAY, 2006). De modo que, partiremos do foco da diversidade cultural brasileira dos povos tracionais de matrizes indígenas e afrodescendentes, historicamente marginalizados, subalternizados e deslegitimados em sua essência, bem como, em suas práticas culturais, exatamente por fugirem ao padrão imposto pelo discurso elitista ocidental de matriz judaico-cristão.

Neste sentido, este artigo objetiva a promoção desta polarização social, pedagógica e étnico-filosófica, quando abordará novas ressignificações e representações sociais em torno da sub-representação do Outro em prol de uma “Outra” cultura epistemológica contra às tradicionais abordagens pedagógicas dominantes no campo de tensão da Escola, seja em virtude de diferenças étnico-raciais e/ou pertencimento religioso, seja motivada pela identidade de gênero e/ou pelo gênero do Outro (ADLER, 2004).

As perspectivas teóricas advindas da educação intercultural e da etnofilosofia fornecem subsídios eficazes para a promoção de uma pedagogia hábil para entender o diferente, para compreender o Outro, mesmo que este nos pareça estranho. A ideia central que permeia este ensaio é a provocação e a demonstração de como a cultura dominante brasileira está enraizada por concepções filosóficas e éticas eurocentradas, repletas de pressuposições xenófobas – misóginas, racistas e lgbtfóbicas - as quais precisam urgentemente serem desconstruídas. Ao passo que o mecanismo desta desconstrução encontra sólidos argumentos na educação intercultural (CARTACI, 2016). De modo que surge, assim, o foco primordial deste artigo, o qual objetiva compreender a questão de como a sociedade brasileira (pedagogia e currículos escolares) vem na atualidade, promovendo ações pedagógicas que, ainda, tratam com estranheza no contexto de própria cultura didática e curricular a cultura do Outro. Para compreensão deste diapasão pedagógico e filosófico, recorreu-se as atuais abordagens da educação intercultural (AUERHEIMER, 2005) para se tentar compreender os processos eurocêtricos de exclusão, rotulação e estigmatização do Outro dentro do universo simbólico e de poder da Escola (currículos, livros didáticos, processos de ensino e de aprendizagem) que produzem e ressignificam cotidianamente a violência. (PÖGGELER, 2003).

Este artigo é uma revitalização de uma pesquisa empírica realizada durante o doutorado em Sociologia, como critério de aprovação à disciplina de Epistemologia da Investigação Quantitativa, o qual foi apresentado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco em 2013-2014. Logo, tratou-se de uma pesquisa quantitativa, visto que esta objetivava garantir com confiabilidade e segurança as análises, interpretações pertinentes às inferências da população a partir da amostra realizada. Neste sentido, partimos da premissa de que a metodologia quantitativa fomentaria possibilidades e competências para se traçar associações entre variáveis – técnicas estatísticas de correlação – e de causalidade entre os distintos fenômenos e nuances da violência no contexto escolar em interação com a perspectiva da interculturalidade (RICHARDSON, 1999). Assim, consideramos que esse modelo metodológico atenderia tanto as necessidades técnicas da pesquisa, quanto os objetivos do trabalho. Por conseguinte, desenvolvemos um questionário como instrumento que foi sendo adequado para a coleta dos dados que objetivávamos analisar, pois através desse instrumento se foi possível conseguir respostas quantificáveis como condição necessária para a aplicação de distintos testes estatísticos com um gasto mínimo de tempo e recursos financeiros.

Buscamos, através dos questionários, realizar uma breve caracterização do perfil socioeconômico dos entrevistados e de suas relações e percepções com a violência escolar, especificamente, e com a violência de uma maneira geral. (SUTHERLAND; CRESSEY, 2007). Para tanto, elaboramos perguntas abertas e, sobretudo, perguntas fechadas – sim e não –, além de medições de estados individuais em relação à satisfação na escola, estas utilizando o tipo *Escala de Likert*, com cada item *Likert* contendo cinco possibilidades de resposta – Concordo muito, concordo, indeciso,

discordo, discordo muito, além de trabalharmos com algumas variáveis de nível de mensuração intervalar ou de razão, como renda familiar, ano em que está na escola, nota de avaliação do ambiente familiar e nota de avaliação do ambiente escolar para efetuarmos análises mais precisas. (RICHARDSON, 1999). Norteamos nossa decisão no que diz respeito ao instrumento de coleta de dados e ao modelo das questões levando em conta a literatura existente sobre o tema e metodologias utilizadas em outras pesquisas quantitativas que abordam a mesma temática (RICHARDSON, 1999). Com isso, não afastamos os problemas com os quais os pesquisadores lidam no processo de escolha de um dado modelo teórico-metodológico em detrimento de outros. Mas, entendemos que tal procedimento nos permitirá trabalhar com modelos já testados que obtiveram êxito na produção de conhecimento sobre o tema de nossa pesquisa. Após a coleta dos dados, foi realizado o processamento eletrônico das informações obtidas, por meio do software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), momento em que serão estabelecidas as correlações necessárias entre as variáveis e indicadores presentes nas hipóteses que balizam a pesquisa. Por fim, foi elaborado relatório mencionando como se desenvolveu o trabalho, os problemas relevantes verificados e os resultados da análise e interpretação das informações já processadas, com vistas a responder às questões colocadas na pesquisa.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, UMA NOVA “VELHA” PROPOSTA?**

Desde 1960, uma área especial surgiu no âmbito da Educação, que inicialmente operado sob o nome “educação de estrangeiros”, “educação multicultural” e/ ou “educação pluricultural, conforme contata Georg Auerheimer (2005), visto que estes termos “aparecerem em momentos distintos na historiografia da ciência da educação ; já o termo “interculturalidade”, apareceu pela primeira vez em 1979, passando a acumular mais contribuições para o enfrentamento de políticas públicas de enfrentamento a estranheza em relação ao Outro no universo escolar, principalmente com o aumento de imigrantes nas sociedades europeias. (PÖGGELER, 2004).

Assim, a “educação intercultural” se solidificava como mecanismo hábil para promover o diálogo com estrangeiros ou com as culturas e linguagens heterogêneas dentro da sociedade europeia já que estas não faziam parte do cotidiano dos discursos sócio-políticos dos Estados-nações europeus de finais do século XX. (FLEURI, 2002). Neste contexto, salienta-se que a proposta de uma educação intercultural, foi rapidamente sendo estabelecida como disciplina educacional depois de mais de vinte anos, enquanto resultado da migração de trabalhadores na segunda metade do século XX para os Estados da Europa no Segunda Pós-Guerra. (MBEMBE, 2013). Acentua-se que o seu

desenvolvimento se espalhou não só na Alemanha - desencadeado por este movimento migratório -, que trouxe consigo novas formas de se ressignificar as abordagens pedagógicas em torno da multiculturalidade, cada vez mais presente em todos os aspectos do cotidiano da comunidade europeia. Destaca-se também que a migração de trabalhadores dentro da Europa emergiu como parte dos movimentos migratórios globais. Estas são uma consequência da integração econômica global, que é acompanhada por redes comunicativas (meios de transporte, mídia). Por causa das condições sociais muito diferentes, o mercado mundial unificado cria contradições sociais, o que leva as pessoas a uma busca por uma existência segura e uma vida melhor. (MELO, 2016).

Muito embora se possa observar que na discussão atual este processo venha sendo, muitas vezes, esquecido, não se pode, por um lado, fugir a constatação de que os processos migratórios são normais na história de cada sociedade e de todas as sociedades. Pois, estes movimentos migratórios sempre existiram e, portanto, as culturas e línguas estranhas sempre fizeram parte das representações e interações sociais da humanidade (MELO; BANDEIRA, 2016); por outro lado, acentua-se que a heterogeneidade da população nas escolas europeias, bem como nas brasileiras, continuam a aumentar em termos culturais, étnico-sociais, linguísticas e de pertencimento religioso. Fato este que leva, naturalmente, a processos interativos de competição entre as culturas, levando assim, à formação de novas “pseudo” comunidades com fronteiras verdadeiramente culturais, dentro e fora do universo escolar, o que, entre outras coisas, leva a necessidade de implementação de políticas públicas de ensino e de aprendizagem capazes de fomentar a inclusão e o sentimento de pertencimento aos grupos minoritários, (des)rotulando-os e integrando-os ao sistema de ensino e a sociedade, princípio motor da ideia de interculturalidade. (MELLO; SOARES; KERBER, 2011).

## **A PROPOSTA ORIENTADORA DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL**

A perspectiva orientadora da Educação Intercultural é a ideia de uma sociedade multicultural baseada em quatro princípios, a saber: a) o princípio da igualdade; b) o princípio do reconhecimento; c) o princípio da aceitação em detrimento ao da tolerância; d) princípio da dignidade da pessoa humana. Estes quatro princípios são o motivo-motor da pedagogia intercultural, e por isso, são aplicáveis as demais ciências sob o foco de se promover no cotidiano das relações sociais escolares, independente da disciplina em tela, a ideia de que uma educação intercultural é possível e extremamente necessária. (AUERHEIMER, 2005). A ideia parte da premissa de que o reconhecimento da diversidade se aplica a todos os indivíduos, pois, estes são valiosos e detentores de peculiaridades, formas e conteúdos culturais relevantes para a identidade plural da sociedade. (SILVA, 2008).

A pedagogia intercultural não se refere exclusivamente a culturas, visto que estas são consideradas como entidades independentes, que teriam implicações muito problemáticas, toda e qualquer perspectiva reducionista. Ela vai muito além desta visão teórica, principalmente ao edificar objetivos pedagógicos multivariados para a diversidade, inserindo neste diapasão, o gênero, a identidade de gênero, a orientação sexual, o pertencimento religioso, as gerações, as deficiências (físicas, mentais, intelectuais entre outras) e a própria cultura. Logo, a ideia da pedagogia intercultural é uma educação e um treinamento que busca, portanto, transformar as atitudes, os conhecimentos e as habilidades em lidar com o Outro, reduzindo assim, atitudes de estranhamento. (AMMON, 2000).

Assim, a concepção da interculturalidade compreende que o existe distintas formas de violência e estruturas de violência que promovem desvantagens estruturais (institucionais) por nuances próprios que impedem, muitas vezes, a sensibilidade e a percepção de possíveis diferenças podem contribuir com a fomentação e exclusão de parcelas significativas da população tanto no contexto escolar, quanto fora dele. Dentro desta análise valorativa, é dada prioridade à promoção da igualdade de direitos e oportunidades sociais, independentemente da sua origem e da atitude de aceitação, respeito pelo Outro, tendo em vista que estas atitudes são indispensáveis para a construção de uma comunicação não violenta e para a promoção de uma capacidade de diálogo intercultural. Logo, a compreensão e o diálogo são os objetivos abrangentes e primordiais para a inserção da educação intercultural no contexto escola, visto que a compreensão motivará o diálogo, na medida em que lida com reivindicações contestadas de validade, enquanto a princípio seu significado e significado serão abertos, contribuindo assim, com a implementação de ações de enfrentamento e de prevenção à violência na escola. (KORN; MÜCKE, 2013).

No processo de comunicação não violenta para a interculturalidade, se reconhece, por exemplo, as diferentes expectativas de papéis na interação escolar entre os usuários – discentes, docentes e funcionários – que podem interferir no entendimento da cultura do Outro e na redução da tal diferença (estranhamento) que podem estar por trás de vários nuances da violência. Na opinião de teóricos – Judy Korn e Thomas Mücke (2013), Georg Auerheime(2005), Franz Pöggeler (2004) - a compreensão do Outro e o estranhamento da diferença podem ser resolvidos pela promoção do diálogo e por uma comunicação não violenta. Resume-se, o motor-motivo da educação intercultural são os seguintes: a) defesa da igualdade de todos, independentemente do gênero, da identidade de gênero, da orientação sexual, da religião; b) a atitude de respeito pela alteridade; c) a capacidade de compreensão intercultural; e d) a capacidade de diálogo intercultural. (IFADIREÓ *ET. AL.*, 2019). Corroborando com esta ideia vamos encontrar em Dayse Moura (2013) e Kabengele Munanga (2008) acirrados debates sobre a educação com foco nas questões étnico-raciais em escolas públicas e sobre a construção da ideia de identidade nacional brasileira versus a identidade negra no contexto de mestiçagem. Discussões estas que fortalecem as assertivas sobre o termo “reconhecimento do Outro”

nos currículos escolares e no universo simbólico de poder e dominação nas escolas público-privadas brasileiras.

Dentro deste contexto, é de salientar importância a avaliação crítica de que os termos “reconhecimento do Outro” e “tolerância ao Outro” não são explorados como recursos didáticos prevenção a violência e de integração nas escolas brasileiras. (MELO, GOMES FILHO; QUEIROZ, 2017). Apesar de também poder ser relacionado ao segundo, visto que a ideia da “tolerância” sobressai a concepção simbólica da epistemologia da ação de tolerar, a qual pode ser explicada historicamente. Fato este que não é o objetivo deste estudo, muito embora, a contemporânea demanda de tolerância vem servindo aos discursos de liberdade confessional entrelaçados pelas distintas reformas da pacificação política pós 11 de setembro de 2011. (HOFFMANN, 2011). Principalmente, porque o termo vem, historicamente, sendo concedido pelo grupo dominante ao intentar fornecer segurança necessária para as respectivas minorias sociais dentro de suas territorialidades e espacialidades. Logo, a concepção de *tolerare* – tolerância -, portanto, sempre implica uma simetria de poder, que o uso da linguagem revelada dentro e fora das constelações de estranhamento pelo/ do poder que findam por gerar privação e exclusão de uns (grupos minoritários) por outros (grupos majoritários). (SCHEERER, 2002). Logo, o olhar sobre a privação e sobre a exclusão pode demonstrar os processos que levam a negação da estima social de um grupo por outro, fator este que ensejaria em um novo debate político-pedagógico, que também não é objetivo deste ensaio. (HOFFMANN, 2011).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES DA INVESTIGAÇÃO

Realizou-se uma amostra aleatória com 110 alunos de escolas públicas Juazeiro do Norte/Ce que participam do Programa Projovem Adolescente e Adulto em três escolas. Participaram desta investigação 62 mulheres e 48 homens. A pesquisa foi realizada em três fases, a primeira entre 28/11 – 10/12/2012; a segunda entre 01/06 – 12/06/2013 e a terceira fase entre 02/03 – 16/03/14 nas escolas EEFM Padre Antônio Vieira; EEM Politécnico; EEM Vereador Otacílio Barbosa de Melo todas no município de Juazeiro do Norte, onde as duas primeiras se localizam na área urbana e a última na área rural. Os entrevistados cursavam entre o quarto ano do ensino fundamental e o décimo primeiro do ensino médio, onde verificamos que o entrevistado mais novo tinha a idade de treze (13) e o mais velho trinta e seis (36) anos. As entrevistas foram realizadas no turno da manhã, no Programa Projovem Rural; e no turno da noite, no Programa Urbano. Para que a pesquisa se realizasse tivemos ajuda externa de pesquisadores voluntários do Laboratório Interdisciplinar da Violência (LIEV/ UNILEÃO), os quais iniciaram os contatos com a direção das escolas e com os técnicos do Programa Projovem, conseguindo a autorização para a pesquisa.

A construção da matriz no programa SPSS e o lançamento dos dados coletados na matriz foram realizados pelo pesquisador José Ricardo no período de 02/07 – 06/07/2012 que teve dificuldades com a codificação posteriores no que diz respeito as categorias que vieram a ter mais utilidade para a presente pesquisa. Já interpretação dos dados se deu entre 10/07 – 14/07/2014 foi realizada pelos professores Miguel Ângelo Silva de Melo e José Ricardo Ferreira da Costa. O uso da metodologia quantitativa para esta investigação permitiu que realizássemos correlações entre as variáveis e a causalidade do fenômeno da violência escolar do *bullying*, interligando assim, o modelo metodológico proposto com os objetivos e hipóteses desta investigação. Tentou-se fazer amostragem não probabilística por cotas com participação igualitária de gênero, ou seja, 55 questionários para cada grupo. Todavia, isso não se realizou, devido a maior presença de alunas nas escolas visitadas nos dias de aplicação dos questionários pelo pesquisador responsável, fato este que com certeza diminuiu a relação de igualdade e de aproximação ao perfil e percepção da violência entre os dois grupos.

Além disso, procuramos também estabelecer cotas de pessoas de etnias e definição religiosa diferentes para a investigação do fenômeno da violência e do bullying dentro das escolas. Vale ressaltar aqui que não foi possível trabalharmos com um modelo de amostragem probabilístico pelo fato de não dispormos de tempo e de recursos de recursos financeiros para a busca de dados que pudesse nos fazer a aplicação da mesma. Diante disso, apresentamos a seguir o relatório final e apresentação dos resultados da pesquisa.

### *Avaliação descritiva e interpretação dos dados coletados*

Em relação aos atores em que os casos em que a violência escolar normalmente acontece (alunos-professores e funcionários), notamos, pela tabela de frequência abaixo (tabela 01), que os alunos são, por excelência, os autores deste tipo de violência, visto que isso aconteceu em 93,6% dos casos dentro das escolas analisadas.

**Tabela 01 – Autor da violência na escola**

		Frequência	Percentual	Percentual válido
Válido	O alunato	103	93,6	97,2
	Funcionários	3	2,7	2,8
	Total	106	96,4	100,0
Missing	NS	1	0,9	
	NR	1	0,9	
	NA	2	1,8	
	Total	4	3,6	
Total		110	100,0	

**Fonte:** Levantamento direto (2013)

Mas vale ressaltar que a maioria dos vitimizados em relação à violência de nas escolas pesquisadas também são alunos, visto que este fenômeno ocorre em 84,5%, conforme a tabela de frequência abaixo (tabela 02).

**Tabela 02 – Vítimas da violência na escola**

		Frequência	Percentual	Percentual válido
Válido	O alunato	93	84,5	86,1
	Os educadores	13	11,8	12,0
	Os funcionários	2	1,8	1,9
	Total	108	98,2	100,0
Missing	NA	2	1,8	
Total		110	100,0	

**Fonte:** Levantamento direto (2013)

Isto nos faz concluir que a violência de bullying nas escolas ocorre preponderantemente entre os alunos, fato esse que se confirma em 69,1% dos casos (cf. tabela 03 abaixo).

**Tabela 03 – Entre quem a violência ocorre preponderantemente**

		Frequência	Percentual	Percentual válido
Válido	Entre alunos	76	69,1	69,7
	Entre funcionários	1	0,9	0,9
	Entre alunos e professores	20	18,2	18,3
	Entre funcionários e alunos	12	10,9	11,0
	Total	109	99,1	100,0
Missing	NA	1	0,9	
Total		110	100,0	

**Fonte:** Levantamento direto (2012)

O fato da violência ocorrer preponderantemente entre os alunos demonstra que há um mínimo de respeito a cargos com status institucionalmente diferenciados, dos integrantes da instituição escolar, sobretudo dos que tem uma menor para os que tem maior posição nos níveis hierárquicos de poder dentro da instituição escolar. Fato esse que é confirmado ao observarmos a tabela 04 abaixo, que mostra que há uma média de avaliação do ambiente escolar dentro das escolas pelos alunos de 4,19, num intervalo de nota de avaliação que varia de 2 a 5, ou seja, numa amplitude total de 3.

**Tabela 04 - Nota de Avaliação do Ambiente Escolar**

N	Válido	110
	Missing	0
Média		4,19
Amplitude total		3
Mínimo		2
Máximo		5

**Fonte:** Levantamento direto (2012)

Em relação aos tipos de violência que ocorrem temos, conforme a tabela de frequência abaixo (tabela 06), temos quatro tipos básicos de violência ligadas: violência física, que ocorre em 17,3%

dos casos, violência psicológica, que ocorre em 30% dos casos, discriminação, que ocorre em 13,6% dos casos e por último a violência verbal, que ocorre em 31,8% dos casos.

**Tabela 05 – Frequência do tipo de violência que mais ocorre na escola**

		Frequência	Percentual	Percentual válido
Válido	Física	19	17,3	18,6
	Psicológica	33	30,0	32,4
	Discriminação	15	13,6	14,7
	Verbal	35	31,8	34,3
	Total	102	92,7	100,0
Missing	NS	6	5,5	
	NR	2	1,8	
	Total	8	7,3	
Total		110	100,0	

**Fonte:** Levantamento direto (2012)

Nota-se que o tipo de violência ocorrida na escola se associa à religião dos entrevistados. Isto se verifica a partir, primeiramente, da análise da tabulação cruzada entre essas duas variáveis (cf. tabela 07), que demonstra esta relação. Vemos que para os católicos o tipo de violência que mais ocorre é a verbal (41,3%), para os evangélicos a violência que mais ocorre é a psicológica (54,5%), enquanto que para os candomblecistas a violência que mais ocorre é a física (37,5%).

**Tabela 06 - Cruzamento entre Confissão Religiosa e Tipo de violência que Mais Ocorre nas Escolas**

Confissão religiosa do respondente	Tipo de violência que mais ocorre				
	Física	Psicológica	Discriminação	Verbal	Total
Católico	12	24	8	31	75
	16 %	32 %	10,7%	41,3%	100%
Evangélico	1	6	3	1	11
	9,1%	54,5%	27,3%	9,1%	100%
Candomblecista	6	3	4	3	16
	37,5%	18,8%	25,0%	18,8%	100%
Total	19	33	15	35	102
	18,6%	32,4%	14,7%	34,3%	100%

**Fonte:** Levantamento Direto (2012)

Esta relação se confirma ao fazermos o teste de correlação entre essas duas variáveis, que demonstra um grau de associação fraco de 0,261, mas estatisticamente significativo (cf. tabela 07 abaixo).

**Tabela 07 - Teste de correlação entre religião e Tipo de violência que mais ocorre nas escolas**

		Valor	Significância estatística
Nominal por Nominal	V de Crámer	0,261	0,031

**Fonte:** Levantamento direto (2012)

Outro fator importante a ser abordado em relação ao fenômeno pesquisado são os casos de discriminação existentes nas escolas em relação às minorias. Primeiramente, vale ressaltar, de acordo

com a tabela de frequência abaixo (tabela 08), que 92,7% dos entrevistados responderam que já viram casos de discriminação nas escolas.

**Tabela 08 - Se já viu casos de discriminação**

		Frequência	Percentual	Percentual válido
	Sim	102	92,7	92,7
	Não	8	7,3	7,3
	Total	110	100,0	100,0

**Fonte:** Levantamento Direto (2012)

Essa discriminação está presente, sobretudo, em relação aos homossexuais, pois, de acordo com a tabela 09 abaixo, isto acontece em 77,3% em que os casos de discriminação ocorrem.

**Tabela 09 – Presença de discriminação em relação aos homossexuais**

		Frequência	Percentual	Percentual válido
Válido	Sim	85	77,3	83,3
	Não	17	15,5	16,7
	Total	102	92,7	100,0
Missing	NA	8	7,3	
Total		110	100,0	

**Fonte:** Levantamento direto (2012)

Essa discriminação também está presente em um grau forte em relação a pessoas afrodescendentes, pois, de acordo com a tabela 10 abaixo, em 70% dos casos, isto ocorre nas escolas.

**Tabela 10 – Presença de discriminação a negros ou afrodescendentes**

		Frequência	Percentual	Percentual válido
Válido	Sim	77	70,0	75,5
	Não	25	22,7	24,5
	Total	102	92,7	100,0
Missing	NA	8	7,3	
Total		110	100,0	

**Fonte:** Levantamento direto (2012)

Em menor grau, mas também importante, é a existência da discriminação em relação aos portadores de deficiência, pois, de acordo com a tabela 11 abaixo, isto é verificado em 55,5% dos casos em que a discriminação está presente nas escolas.

**Tabela 11 – Presença de discriminação a portadores de deficiência**

		Frequência	Percentual	Percentual válido
Válido	Sim	61	55,5	59,8
	Não	41	37,3	40,2
	Total	102	92,7	100,0
Missin g	NA	8	7,3	
Total		110	100,0	

**Fonte:** Levantamento direto (2012)

Em pouco menor grau, mas também importante, é a presença da discriminação em relação à crença religiosa, pois, conforme a tabela 12 abaixo, isto está presente em 50% das vezes em que os casos de discriminação ocorrem.

**Tabela 12 - Presença de discriminação à crença religiosa**

		Frequência	Percentual	Percentual válido
Válido	Sim	55	50,0	53,9
	Não	47	42,7	46,1
	Total	102	92,7	100,0
Missing	NA	8	7,3	
Total		110	100,0	

**Fonte:** Levantamento direto (2012)

A existência da discriminação está relacionada intimamente ao fato dos entrevistados passarem por situações em que eles sofrem a discriminação, sobretudo os candomblecistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assunto do presente estudo se deu a partir do incremento da violência e seus distintos nuances tanto na sociedade, quanto no universo territorial da escola. Perebemos a necessidade de retomarmos a abordagem da violência na escola diante dos últimos acontecimentos e majoração da violência na Região Metropolitana do Cariri. Assim, para revitalizarmos novas discussões, tomamos por cuidado, o retorno aos dados estatísticos da última pesquisa empírica - realizada entre 2012-2014 que analisou a violência escolar em Juazeiro do Norte (CE) - com foco na abordagem intercultural. Destaca-se que esta investigação teve uma amostra de cento e dez (110) estudantes participantes do Programa Projovem em três escolas públicas do município, onde foram investigadas algumas dimensões da violência escolar. Também foram pesquisadas as diversas formas em que se apresenta a violência e os grupos sociais mais envolvidos, tanto como vítimas quanto como agressores, como se apresenta a seguir:

Em primeiro lugar, ficou claro que durante o desenvolvimento de fundo teórico sobre a questão em tela verificamos que em estudos prévios que ofensas pessoais de violência são cometidas principalmente por adolescentes do sexo masculino. Outros fundos motivacionais ensejam nas mais variadas práticas de violência que vão do constrangimento ilegal sob ameaça de força ou violência, preconceitos e ressentimentos (étnica, religiosa, moral ou difuso), prazer, poder e busca pela violência, pela interracista dinâmica do grupo.

Segundo, se foi constatado, tanto na fase de revisão de literatura, quanto na de investigação em campo, que as vítimas ameaçadas são geralmente mais fracas, sendo assim, facilmente estigmatizadas e vistas como indivíduos vulneráveis e, muitas vezes negativadas dentro do próprio

ambiente de aprendizagem em sala de aula. Quando, por um lado, se foi destacado que o furto e o roubo acontece com frequência na escola; por outro lado, os achados demonstram que as vítimas não conseguem resistir as dificuldades existentes. As modalidades de violência na escola encontradas nesse estudo são praticamente as mesmas referidas por outros pesquisadores, demonstrando que também no universo pesquisado a escola é percebida como um lugar de violência em suas diversas faces.

Em terceiro lugar, esta pesquisa inicial, ainda que limitada pelo tempo e pelas circunstâncias em que foi operacionalizada, conseguiu destacar diferentes tipos de violência escolares, fatores estes que chamou atenção para a necessidade de implementação de novas pesquisas e de políticas educacionais voltadas para a transformação da escola numa zona de conforto e tolerância, o que deve implicar no crescimento de seus índices qualitativos em geral.

Quarto lugar, o estudo nos leva a destacar que a educação intercultural aparece como um positivo mecanismo de prevenção a violência, visto que ela objetiva através da educação e do treinamento para a interação com a diversidade, consideráveis melhorias nas atitudes, nos conhecimentos e nas habilidades com as possíveis diferenças do socializar-se com o Outro (estranho) em comunidade. Fator este que levará a um aumento na capacidade de mudar o comportamento, dando prioridade à promoção da igualdade de direitos e as oportunidades sociais, independentemente da sua origem e da atitude de aceitação, respeito pelo Outro e sua Cultura.

Principalmente, porque os motivos-motores da pedagogia intercultural fornecem critérios para a escolha do sujeito, conteúdo e abordagens metodológicas e implicam princípios para a ação dos educadores. Porque se eles não fornecerem modelos positivos de interação intercultural, as intenções não serão redimíveis. O princípio da igualdade é que o motivo condutor da educação anti-racista – misógina, lgbtfóbica, entre outras formas de violência encontradas na escola, que podem ser combatidas por estratégias e enfrentamento que tenham como égide a abordagem da pedagogia intercultural.

Finalmente, torna-se fundamental salientar que a promoção da igualdade e do reconhecimento ao Outro e a inclusão deste Outro em contexto de diferenças é uma prerrogativa a ser perseguida por todas as instituições educacionais brasileiras, sejam estas de ensino fundamental, médio ou superior, as quais devem ter como meta a alcançar a construção de modelos de ensino e de aprendizagem que consigam em seus currículos, propostas de ensino, formação profissional e técnica, promover a cooperação, a inclusão e a abertura social com base no reconhecimento do princípios da autoridade e da dignidade da pessoa humana.

## **REFERÊNCIAS**

- ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das Escolas: Entre violências**. Brasília: UNESCO, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos Feministas**. 5. Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- ADLER, A. **The Practice and Theory of Individual Psychology**. London: Routledge. 2004.
- AMMON, Günter (Hg.) **Handbuch der Dynamischen Psychiatrie** 1. 2. Auflage zahlreiche Abbildungen, kartoniert. Eschborn: Verlag-Dietmar, 2000, 927 Seiten.
- AUERHEIMER, Georg. **Einführung in die Interkulturelle Pädagogik**. Stuttgart - Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft Verlag, 2005;
- CARTACI, Marco. Educação intercultural. Teorias, políticas e práticas de pluralismo cultural no sistema de ensino italiano. **REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, Ano XXIV, n. 46, p. 129-141, jan./abr. 2016.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade. Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Gente, 2008.
- COSTA, Candida Soares da; DIAS, Maria Helena Tavares; SANTOS, Zizele Ferreira dos. Educação Escolar Quilombola: Experiência Sobre Formação De Professores Em Mato Grosso (Brasil). **Revista da ABPN**, v. 8, n. 18 • nov. 2015 – fev. 2016, p.90-106.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Versus Editora, 2005.
- FLEURI, Reinando Matias. Educação intercultural: a construção da identidade e da diferença nos movimentos sociais. **Perspectiva**, Florianópolis, v.20, n.02, p.405-423, jul./dez. 2002.
- HOFFMANN, Bruce. **Terrorismus. Der unerklärte Krieg**. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2011.
- IFADIREÓ, Miguel Melo; SOUZA, Taís Oliveira de; ALBUQUERQUE, Érika de Sá Marinho; SOUSA, Maria do Socorro Cordeiro de. Educação Intercultural e suas Ambivalências com o Estranho. Um Estudo Sobre a Representação Social do Negro no Livro Didático. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.43, p. 1081-1104. ISSN: 1981-1179.
- KORN, Judy; MÜCKE, Thomas. **Gewalt im Griff: Deeskalations- und Mediationstraining**. Band 2., Weinheim und Basel: Beltz Verlag. 2013.
- MASCARO, Alysson Leandro. **Lições de Sociologia do Direito**. São Paulo: QuartierLatin, 2007.
- MBEMBE, Achille. **África Insubmissa. Cristianismo, Poder e Estado na Sociedade Pós-Colonial**. Luanda (Angola): Edições Mulemba, 2013.
- MELLO, Flávia Cristina de; SOARES, Joles Batista; KERBER, Leandro de Oliveira. Astronomia e educação intercultural: experiências no ensino de astronomia e ciências em escolas indígenas. **I Simpósio Nacional de Educação em Astronomia** – Rio de Janeiro – 2011.

MELO, Miguel A. de. **Deutscheinwanderung nach Rio Grande do Sul im Spannungsfeld zwischen Schule, Kultur, Sprache und Religion.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Orientadora: Prof. Dr. Ursula Neumann, Hamburg: Junho, 2005.

\_\_\_\_\_. **Die Menschenrechtsverletzungen durch Hassverbrechen. Eine Analyse der homophoben Gewalt am Beispiel Brasiliens.** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais da Universität Hamburg. Orientador: Prof. Dr. Bernd-Ulrich Hergemöller, Hamburg: Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. Pretagogias na Educação: A religião dos Òrìsàs na cidade de Padre Cícero. Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 146-178, jan./jun. 2016a.

\_\_\_\_\_.; BANDEIRA, João Adolfo Ribeiro. Crítica aos estereótipos e ideias racistas no Brasil sob o prisma dos estudos Pós-coloniais. **Revista Direito & Práxis.** Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016b, p. 213-246.

\_\_\_\_\_.; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **Epistemologias em Confronto no Direito. Reinvenções, Resignificações a partir da Interdisciplinaridade.** Livro Comemorativo aos 5 anos do LIEV. Curitiba: CRV, 2017.

MICHAUD, Y. Michaud, Y. **A violência.** São Paulo: Editora Ática. 1989.

MOURA, Dayse Cabral de (Org). **Educação e relações raciais em escolas públicas: o que indicam as pesquisas?** Recife: Ed. Universitária UFPE, 2013 (Coleção Étnicoracial).

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008 (Coleção Cultura Negra e Identidades).

\_\_\_\_\_.; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

PEREIRA, Beatriz Oliveira; PINTO, Adelina Paula. **Dinamizar a Escola para prevenir a violência entre pares.** Sonhar, v. 1, mai. ago, p. 10-33, 2002.

PÖGGELER, Franz. **Fremde und Fremdheit im Schulbuch und der Wandel der Pädagogik.** München: Opladen Verlag, 2004.

\_\_\_\_\_. **Macht und Ohnmacht der Pädagogik.** München: Opladen Verlag, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas. 1999.

SCHEERER, Sebastian. **Die Zukunft des Terrorismus.** Drei Szenarien. Lüneburg: Zu Klampen Verlag, 2002.

SILVA, Paulo Vinícios Baptista da. Racismo em livros didáticos. **Estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008 (Coleção Cultura Negra e Identidades).

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SUTHERLAND, E. H./ CRESSEY, D. R. **Principles of Criminology.** 11. ed. New York: Generall Hall. 1992. Apud. MAÍLLO, Alfonso Serrano. **Introdução à Criminologia.** 1ª. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.

TEIXEIRA, Vanessa Corsetti Gonçalves; LANA, Eliana dos Santos Costa. Interculturalidade e direito indígena à educação - a política pública de formação intercultural de professores indígenas no Brasil. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 119-150, mar. / jun. 2012.

WEIDENMANN, Björn-Zücke. **Lernen – Lerntheorie**. In: D. LENZEN (Hg.). *Pädagogische Grundbegriffe*. Bd. 2. Reinbek 1989, P.

ZALUAR, Alba. **Violência intra e extra muros**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – Vol. 16 N°. 45, p. 147. Fev/2001.

---

Recebido em: 10 de Janeiro de 2020

Aceito em: 09 de Março de 2020

<sup>1</sup>Doutor em Sociologia (UFPE). Professor do Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). Professor Assistente da Universidade de Pernambuco (UPE). Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Graduando-Bacharelado em Psicopedagogia pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Pesquisador-líder do Laboratório Interdisciplinar em Estudos da Violência no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (LIEV-UNILEÃO). Pesquisador-líder do Núcleo de Estudos em Gênero, Raça, Organizações e Sustentabilidade (NEGROS) da Universidade de Pernambuco (UPE). Correio Eletrônico: crioulo.miguelangelo.melo@gmail.com

<sup>2</sup>Mestre em Sociologia Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Graduação-Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (1999). Graduação-Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Endereço eletrônico: josricardoc@yahoo.com

<sup>3</sup>Doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza pelo Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora do Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (MePESa/UNILEÃO). Professora dos cursos de Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). E-mail: vanessa@leaosampaio.edu.br

<sup>4</sup>Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). Pós-graduada em Direito e Processo Penal pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Pós-graduada em Direitos Humanos pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Graduação Bacharelado em Direito pela Faculdade Paraíso do Ceará (FAP). Advogada OAB/CE. Pesquisadora do Laboratório Interdisciplinar em Estudos da Violência no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (LIEV). Endereço eletrônico: yohanamalencar@gmail.com

<sup>5</sup>Graduação-licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). Graduação-bacharelado em Educação Física pelo Centro de Ensino Superior de Piracanjuba EIRELI - Faculdade de Piracanjuba (FAP). Graduando-Bacharelado em Psicopedagogia pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). Pesquisador-voluntário do Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Violência (LIEV)/UNILEÃO. E-mail: norf20@hotmail.com